



WALTER CARVALHO ESCREVE SOBRE A FOTOGRAFIA DO CURTA *TEXAS HOTEL*, QUE SERÁ EXIBIDO HOJE NA MOSTRA COMPETITIVA

Divulgação

UMA HOSPEDAGEM NO INFERNO

Walter Carvalho
Especial para o *Correio*

L O ROTEIRO DE *TEXAS HOTEL*, ESCRITO POR CLÁUDIO ASSIS, E FUI AO ENCONTRO DO RECIFE ANTIGO, DOS CASARÕES DE PAREDES GROSSAS E SECULARES, ABANDONADOS. UMA ARQUITETURA EM RUÍNAS, OCUPADA PELO LODO, PELO TEMPO E PELOS VERMES. ENCANTEI-ME COM A IDÉIA. HAVIA NO ROTEIRO UM POEMA VISUAL. ACEITEI O DESAFIO.

Visitamos os prédios. Encontramos habitantes infernos de olhares profundos e tristes, com suas bocas desdentadas iguais às paredes sem reboco e tijolo. Estava condenado a não inventar uma fotografia, mas copiar o que vi. Pensei numa fotografia inaca-

bada, imperfeita, precária e feita com sobras de luz. Densa, saída das nódoas e das paredes manchadas e dos corredores escuros, exalando um cheiro de tempo passado.

Nós imaginamos a câmera irregular, labiríntica e errada, sobretudo. Mas buscando no universo de seus personagens as relações com aquele mundo. Pensamos na possibilidade de uma câmera móvel constante e livre, e que pudesse caminhar e olhar o espaço como mais um personagem. E decupamos tudo em plano-sequência.

Os habitantes daquele Recife seriam nossos personagens: desocupados, homossexuais, desempregados, aposentados, putas, marginais, poetas e doentes. Teria que procurar entre essas paredes musguentas e úmidas os valores humanos dessa gente. Tentar trazer para a película essas vidas desgraçadamente sofridas. Nos quartos escuros, entre objetos nascidos do lixo e do excedente industrial, a luz teria que contar também essa história descoberta e vivida por Cláudio Assis.

A luz do poste em frente ao casarão serviria para iluminar atra-

vés das fendas das janelas seus interiores, projetando em seus recantos uma cor estranha aos padrões do filme Kodak. Entre as janelas, um varal de roupas íntimas, sujas pelo trabalho do sexo em noites infundáveis e de sonos mal dormidos. O cinema que Cláudio me indicava era o cinema emergente, saído de dentro da emoção.

O Recife estava ali diante de nós, sendo demolido pelos insensíveis. O Recife de ruas estreitas agonizando como animal atingido em sua jugular pela lâmina dos homens e sua voraz sede de matar. Agoniza como toda grande cidade brasileira,

destruída pelos interesses políticos e imobiliários. O que sobra são cubículos ocupados por entes desprotegidos de tudo e de todos. *Texas Hotel* seria também sobre o desaparecimento, como contingência humana.

E lá fomos nós, medrosos e esperançosos de encontrar durante a filmagem o viés narrativo e revelar aquele mundo escondido entre as paredes mofadas dos casarões e fungos visguentos. Revelar personagens não construídos por nós, mas saídos dali, como vermes de um mundo de micróbios que trepam, bebem, fumam, choram,

morrem e nascem.

Assim foi nossa aventura em *Texas Hotel*. Entre as frestas desse mundo escuro, de sombras, sem cor. Foi assim que encontramos impressos nas paredes os vestígios dos homens impuros e tristes.

■ Walter Carvalho é diretor de fotografia de *Central do Brasil* e *Pequeno Dicionário Amoroso* e também dos curtas *Texas Hotel* e *Passadouro*.

SERVIÇO

TEXAS HOTEL
(Brasil, 1999) Direção: Cláudio Assis.
Curta-metragem com exibição hoje, a partir das 19h30.



O músico pernambucano Otto (E) está no elenco do curta *Texas Hotel*, que tem direção de Cláudio Assis